

Deus não pode ser transformado no “objeto” de nenhuma ciência, de nenhum concílio. É muito perigoso falar de Deus com palavras tais como *substância*, *consustancial*, *natureza*... Ou recorrer a uma determinada filosofia para explicar Deus. Isso é transformar Deus numa disciplina escolar.



**o credo católico  
de nada servirá...  
se não for cristão**

**É** possível que estejamos a assistir a uma descristianização evangélica. Estarmos, porventura, a fugir de Roma para nos encontrarmos em Jericó.

O credo é uma peça de museu. Recheado de história do ocidente cristão. É o resultado de muitas lutas. É a história atormentada de Niceia, Calcedónia, Trento... Exibe velhas feridas. É a nossa história, o nosso tesouro. Mas **vai ficando moribundo na vitrina**. Conservar uma obra antiga é, também, uma questão de arte e ciência.

Foi-nos entregue, não para que o enterrássemos, com medo de o perder, mas para que a sua luz iluminasse os homens de todas as gerações e culturas. Há que apregoar a nossa fé, nesta nova era que nos coube em sorte. Hoje em dia, já ninguém compreende a linguagem e os conceitos de Niceia ou de Trento.

A nós, crentes do século XXI, cabe-nos a gravíssima responsabilidade de traduzir o

credo, a fim de o tornar fonte de vida capaz de ser entendida pela sociedade atual. O credo não é propriedade exclusiva de nenhum século em particular, nem de nenhum concílio. O credo não pode ser uma aula de teologia, mas a manifestação pública das verdades e das promessas que dão sentido ao nosso quotidiano.

Os nossos credos, em vez de cheirarem a bem-aventuranças, cheiram demasiado a pedantismo.

O credo cristão devia ter as suas raízes em Nazaré e Jerusalém, e não em Niceia. Ser um credo mais iluminado pelo evangelho do que pelo pietismo atrevido de gnósticos – filósofos há muito ultrapassados – ou escolásticos orgulhosos.

Deus não pode ser transformado no “objeto” de nenhuma ciência, de nenhum concílio. É muito perigoso falar de Deus com palavras tais como substância, consubstancial, natureza... Ou recorrer a uma determinada filosofia para explicar Deus. Isso é transformar Deus numa disciplina escolar.

O século XXI exige que a comunidade cristã ponha o Homem no centro da sua fé e dos seus afazeres. O Homem com maiúscula para os discursos e encíclicas. E com minúsculas e apelidos para a rotina do dia a dia.

Talvez se torne necessário recordar que o cristianismo não foi um movimento para “salvar” Deus. A finalidade da fé cristã é ajudar a salvar e libertar o homem.

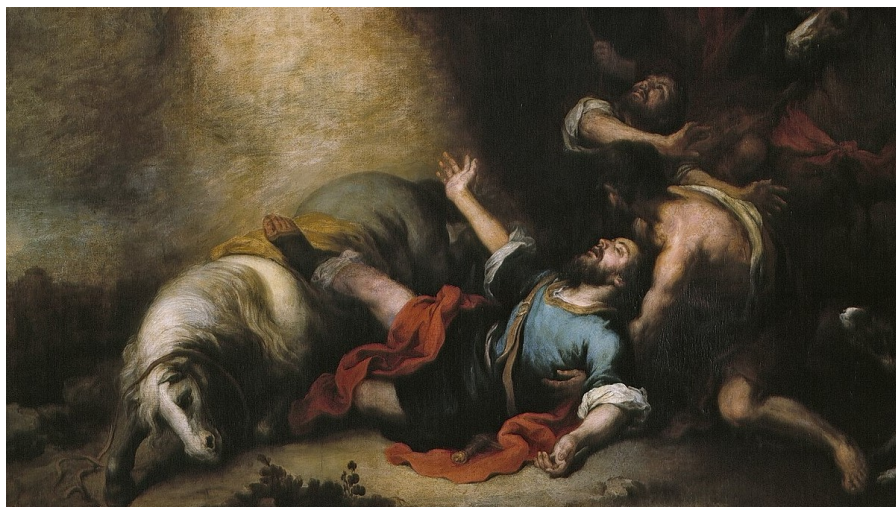
O islamismo, esse sim, é uma religião orientada para Alá. É uma religião em que o homem é quem menos conta. Os seus fiéis não de ir para o paraíso, se forem crentes, mesmo que morram despedaçados, a despedaçar infiéis inocentes.

No cristianismo, pelo contrário, o cristão não pode acreditar no seu Deus nem proclamá-lo, a não ser de braço dado com os outros homens. Para se relacionar com o Deus cristão, o crente tem de servir de amparo aos outros homens, ajudá-los, compreendê-los, estender-lhes a mão.

E se a tão propalada descristianização das massas significar, apenas, que a sociedade começa a deixar de se preocupar com os templos para se preocupar mais com o homem atormentado do que com os ritos, então, isso poderá significar o advento de uma descristianização evangélica. Talvez se esteja a fugir de Roma para marcar encontro em Jericó. Ainda não se conseguiu encontrar o credo perfeito. O homem nunca conseguirá alcançar esse credo perfeito. Nada do que é humano se pode considerar concluído. Temos de o ir dando à luz de o depurar, de extrair dele tudo o que nos possa ser útil, geração após geração. Nestes nossos tempos, em que se misturam os suores de todos, a ocidente e a oriente, a norte e a sul, será possível um credo cristão que todos possam entender, credível, carregado de esperança?

LUIS ALEMÁN MUR

<http://www.luis-aleman.info/2021/01/23/el-credo-catolico-no-sirve-luis-aleman/>



# o mais antigo Credo cristão

*«Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e depois aos Doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos, de uma só vez, a maior parte dos quais ainda vive, enquanto alguns já morreram. Depois apareceu a Tiago e, a seguir, a todos os Apóstolos. Em último lugar, apareceu-me também a mim, como a um aborto. É que eu sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a*

*Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou e a graça que me foi concedida, não foi estéril. Pelo contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles: não eu, mas a graça de Deus que está comigo» (1 Coríntios 15, 3-10).*

Era provavelmente a Páscoa do ano 57. De Éfeso, na costa da Ásia Menor, S. Paulo está a completar a sua Primeira Carta aos cristãos da cidade grega de Corinto. No penúltimo capítulo, o apóstolo reevoca um momento distante talvez de uma vintena de anos. Nessa ocasião, aprendeu dos seus mestres na fé cristã

– recentemente abraçada, com a experiência traumática no caminho de Damasco – um Credo que agora volta a propor aos coríntios.

O primeiro artigo de fé é o da morte de Jesus, uma morte real, selada pela pedra tumular da sepultura, uma morte interpretada como fonte de redenção para a humanidade pecadora («pelos nossos pecados»). Mas Cristo não é apenas um personagem da morte heroica: com efeito, o segundo artigo de fé proclama a sua ressurreição. É curiosa uma variação que gostaríamos de dar a perceber também àqueles que não conhecem o grego (a língua em que escreve o apóstolo), porque ela tem um significado sugestivo.

No original grego, o morrer de Jesus exprime-se com uma forma verbal dita “aoristo”, que indica uma ação ou acontecimento que ocorreu uma vez por todas, fechado na sua realização, como é precisamente a morte. A ressurreição, por seu lado, é definida com a forma verbal do “perfeito”, que em grego designa uma ação ou acontecimento que se prolonga do passado ao presente. É por isso que se pode dizer que Jesus está morto no passado, mas que o Cristo ressuscitado está sempre diante de todos e “aparece”.

As aparições que Paulo elenca são, precisamente, o sinal da contínua presença do Ressuscitado que encontra os seus fiéis. É certo que há as

primeiras grandes testemunhas, como Pedro (Cefas) e os doze apóstolos, ou como Tiago, bispo de Jerusalém. Mas há também a multidão dos «mais de quinhentos» cristãos que tiveram a experiência viva do encontro na fé com o Senhor que vive para sempre. E prosseguindo no tempo, eis também Paulo, o antigo perseguidor, último de todos, semelhante a um «aborto». Esta imagem hiperbólica – no grego o termo indica o feto nascido prematuramente vivo ou morto, mas também a pessoa “expulsa” da sociedade e colocada à margem – delinea o sentido de absoluta indignidade que o apóstolo experimenta em relação a este dom divino, ou seja, o encontro com o Ressuscitado.

Mas logo depois emerge uma ideia que será sempre central no pensamento paulino, e que é um elemento de confiança para todos: a graça de Deus é a protagonista que irrompe no nosso vazio, na miséria e no nosso próprio pecado, e faz triunfar a luz, transformando o perseguidor em apóstolo, o pecador em testemunha, o aborto numa pessoa que vive uma intensa e plena existência de amor. Uma página belíssima, esta, que nos faz conhecer o Credo mais antigo dos primeiros cristãos, mas que nos insere também na lista sem fim daqueles que encontraram o Cristo ressuscitado.

"Se já não formos capazes de pôr em evidência a diferença cristã, então, como o sal que perdeu o sabor, como fogo coberto por cinzas, já não poderemos dizer algo que tenha algum significado na companhia dos homens. A diferença cristã requer, em primeiro lugar, a fé em Jesus Cristo vivo porque ressuscitado, uma fé no Reino que há de vir. Mas, além deste primado da fé, alimentado na fonte do Evangelho, será necessário construir comunidades que sejam verdadeiramente comunidades de fé", escreve ENZO BIANCHI, monge italiano e fundador da Comunidade de Bose, em artigo publicado por *Vida Pastoral*, fevereiro-2021.



# que futuro para o Cristianismo

A pergunta feita por Jesus é sempre, novamente, atual: *Quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?* (Lc 18,8). Em particular, essa questão deve perturbar-nos, neste nosso tempo de crise do Cristianismo, de *diminutio* da sua presença, da sua "exculturação" do nosso Ocidente. Há cerca de trinta anos, o entusiasmo pós-conciliar extinguiu-se, e percebeu-se — como Michel De Certeau observou — que mesmo a tentativa de reformar a liturgia e a fé

da Igreja, não só não havia produzido os resultados esperados, como até mesmo, tinha afastado da vida cristã uma boa quantidade de fiéis tradicionais. O grande teólogo francês, e querido amigo, Jean-Marie Tillard, como testemunho de uma vida vivida no diálogo teológico ecumênico entre as Igrejas, no final do século passado, deixou-nos um artigo apaixonado com o significativo título: *Somos os últimos cristãos?*

Mas já o teólogo Joseph Ratzinger, em

1969 e, mais recentemente como papa, havia tentado responder à questão sobre o **futuro da fé**, e com capacidade visionária profética, indicava uma **Igreja minoritária** como hipótese fecunda; uma Igreja pequena comunidade de fiéis, pobre e despojada dos muitos privilégios acumulados na história, mas livre por ser criativa; uma Igreja não sectária, capaz de ser fermento, a ponto de orientar a sociedade. Bento XVI sempre acreditou nas *minorités agissantes*, nas minorias criativas, e esperava que a evolução da crise conduzisse a essa nova forma de viver a Igreja.

Outros ainda, especialmente na área cultural francesa e centro-europeia, buscaram respostas e formularam diferentes hipóteses sobre o assunto. As quatro hipóteses de Maurice Bellet (2001) são bem conhecidas e estudadas.

A primeira prevê o desaparecimento do Cristianismo sem muitos sobressaltos ou lamentos: uma espécie de recuo indolor, em que o **Cristianismo** ficará na memória pelos seus monumentos, obras de arte e alguns textos da sabedoria antiga.

A segunda hipótese, não muito diferente da anterior, vislumbra o cristianismo **morto como fé**, mas presente na sociedade com os seus valores.

A terceira hipótese não vê o **fim da fé cristã e das Igrejas** como um acontecimento próximo, mas pensa na sua permanência na história sem profecia: uma presença que satisfaz a necessidade religiosa e, portanto, mantém os ritos e as modalidades da religião.

Finalmente, a última, aquela que o autor almeja para o Cristianismo, é o

seu retorno às fontes, o seu renascimento graças à única Palavra de vida, o Evangelho. Na verdade, só a partir de um novo começo, a **fé cristã** poderá inflamar-se como fogo e propiciar uma nova forma de viver a Igreja.

Também não deveríamos esquecer as leituras da crise feitas por historiadores como Jean Delumeau, ou sociólogos como Danièle Hervieu-Léger, mais exigentes e críticos em relação à instituição eclesial, com a emissão de um veredito de morte, na ausência de uma mudança rápida e de uma verdadeira conversão. Ou podemos pensar na análise de teólogos como Ghislain Lafont, que imagina um catolicismo diferente, ou de Christoph Theobald, que anseia por uma mudança, por uma reforma contínua e a confirmação de uma **Igreja ecuménica** fundada no *sensus fidei* do povo de Deus, empenhado num **caminho sinodal**.

Numa das minhas contribuições de 2004, tentei responder, com urgência, à pergunta: **Que futuro para o Cristianismo?** Apresentei, então, análises que hoje sinto poder confirmar, ainda que a aceleração da crise, nos últimos quinze anos, tenha alterado, ainda mais, o *status ecclesiae*, especialmente no nosso Ocidente. O que devemos explicitar hoje? Com o ministério petrino de Francisco, iniciaram-se alguns processos, que devem ser reconhecidos: a vida da Igreja retomou uma dinâmica que, se não parar e realizar algumas reformas, ajudará os cristãos a atravessar a crise, e a viver na história como eloquente minoria profética. Se, no entanto, esses processos permanecerem, apenas, como esboços ou, pior, palavras, creio que a decepção será tal,

que a vida da Igreja ficará seriamente fragilizada, e a já existente diáspora tornar-se-á, até mesmo, ilegível, e não mais sentida como presença. Também, porque a novidade dos últimos anos é justamente a "exculturação" do Cristianismo e da Igreja, não podemos ignorar isso. Basta ter acesso aos meios de comunicação, para nos apercebermos de que já não aparecem "notícias" da fé e da Igreja, exceto as que causam escândalo, enquanto as correntes culturais já não têm em conta as vozes e os eventos cristãos. Gostaria, apenas, de salientar que entre as sugestões de cem livros para ler, que apareceram por ocasião do Natal numa famosa lista cultural italiana, não constava nenhum texto de autores cristãos. Agora, "o mundo cristão", que já não existe no mundo, é ignorado sem hostilidade, mas sob a forma da indiferença.

Aqui está, na minha opinião, o problema da nossa presença entre os seres humanos: a indiferença. Se já não formos capazes de pôr em evidência a diferença cristã, então, como o sal que perdeu o sabor, como fogo coberto por cinzas, já não poderemos dizer algo que tenha algum significado na companhia dos homens. A diferença cristã requer, em primeiro lugar, a fé em Jesus Cristo vivo porque ressuscitado, uma fé no Reino que há de vir. Mas, além deste primado da fé, alimentado na fonte do Evangelho, será necessário construir comunidades que sejam, verdadeiramente, comunidades de fé: verdadeiros lugares de amor mútuo e de serviço aos últimos; comunidades que vivem a sinodalidade, caminhando juntas numa comunhão plural; comunidades que não se isolam, não se

tornam sectárias, mas permanecem, com simpatia e espírito de fraternidade, entre os homens e mulheres do nosso tempo. Só assim se pode dar uma resposta credível às mais variadas formas de populismo, que "reduzem os símbolos religiosos a marcadores culturais identitários, que não estão associados a uma prática religiosa", como observa Olivier Roy no seu recente ensaio *A Europa ainda é cristã?*

Se o Evangelho for a inspiração profunda para a vida cristã, será claro para todos, que os fiéis são homens e mulheres reunidos numa nova comunhão: é nesta diferença simples e radical, que consiste em dimensão pública e comunitária da práxis evangélica. Portanto, uma comunidade cristã que, no mundo, não "está contra" o mundo, animada por uma lógica de concorrência e contraposição. Friedrich Nietzsche escreveu, provocatoriamente, no final do século XIX: *"Mesmo a palavra Cristianismo já é um mal-entendido. Afinal, houve um único cristão, e este morreu na cruz. O Evangelho morreu na cruz. [...] Apenas a prática cristã, uma vida tal como a viveu aquele que morreu na cruz, será cristã. Hoje, essa vida ainda é possível, para alguns homens, é até necessária: o cristianismo autêntico e originário será possível em todos os tempos. Não uma crença, mas um fazer, sobretudo um não-fazer-muitas-coisas, um ser diferente"*.

O **Cristianismo** nasceu de uma grande crise: a de Jesus e seus discípulos na noite da Última Ceia, com a traição de um deles. Precisamos de ter esta certeza: o Senhor Jesus precedeu-nos na crise, portanto não nos abandonará a ela.